



Os espaços dos sonhos e a resistência da arte de rua na cidade do Natal/RN — Brasil (2015–2018)

Resumo: Foi nos últimos vinte anos que em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte — Brasil, a arte de rua identificada ao writing e ao graffiti emergiu. A geração de jovens encontrou nessa arte um campo de possibilidades de ver o mundo e ser visto nele, vislumbrando uma cidade sensível e poética. As intervenções da arte na rua com letras, seres e personas criam os espaços dos sonhos, resistência aos preconceitos, às violências e à indiferença, na esperança possível de uma outra cidade.

Palavras-chave: Arte de rua, Cidade, Sonho, Fotografia, Imagem, Juventude

The dreaming spaces and the resistance of street art in the city of Natal/RN — Brazil (2015–2018)

Abstract: It was in the last twenty years that in Natal, capital of the state of Rio Grande do Norte — Brazil, street art identified with writing and graffiti emerged. The generation of young people found in this art a field of possibilities to see the world and be seen in it, envisioning a sensitive and poetic city. The interventions of street art with letters, beings and personas create dreaming spaces, resistance to prejudices, violence and indifference, in the possible hope of another city.

Key words: Street art, City, Dream, Photography, Image, Youth

¹ - Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/IFRN-CN) e do Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS/UFRN). duarte.junior@ifrn.edu.br.

<http://lattes.cnpq.br/6542228199752323>

<https://orcid.org/0000-0001-5671-5687>

Neste ensaio é apresentado o conjunto de dez fotografias realizadas entre os anos 2015 e 2018 no âmbito da pesquisa antropológica sobre as imagens da cidade (CORADINI e BARBOSA JÚNIOR, 2014) e da etnografia de rua (ROCHA e ECKERT, 2013). A pesquisa que resultou numa tese de doutorado, utilizou a fotografia como procedimento para conhecer e apresentar percepções, trajetórias de vida e grafias (BARBOSA JR, 2019). Neste conjunto de fotografias capturadas em diferentes localidades e tempos da cidade, é proposto um diálogo entre a textualidade das imagens e a imagética dos textos, cuja duração é ampliada pelo ato fotográfico.

Natal é a capital do estado do Rio Grande Norte, situada no litoral da região Nordeste do Brasil. Sua população é de 803.739 habitantes, segundo censo (BRASIL. IBGE, 2010), e sua região metropolitana é composta por 1.409.021 habitantes segundo dados da Secretaria Municipal de Urbanismo (NATAL, 2018). A história da cidade remonta ao final do século XVI e, sua fase de maior crescimento, ao cenário da Segunda Guerra Mundial. A cidade conheceu pelo menos 200 anos de crescimento lento até a primeira metade do século XX (TEIXEIRA, 2009).

Foi somente nos últimos vinte anos que a arte de rua mais identificada ao *writing* e ao *graffiti* ganhou espaço na cidade. O *hip-hop*, a cultura *pop*, as tecnologias da comunicação, a estética dos *games* e das revistas em quadrinhos, foram fortes indutores à emergência da arte de rua em Natal. Soma-se a esse cenário, a ação gráfica subversiva das torcidas organizadas na prática territorial da “*pichação*” e os circuitos das artes e da *boemia* na cidade (notadamente no centro histórico da Cidade Alta e da Ribeira) que contribuíram para a construção desse cenário (CORADINI, 2016). As novas gerações de jovens encontraram nas modalidades da *aerografia*, *lambe-lambe*, *muralismo*, por exemplo, um campo de possibilidades de ver o mundo e ser visto nele, de comunicar sensibilidades indóceis e vislumbrar de forma inquieta uma outra cidade. Nesse sentido, a trajetória na arte de rua é, uma relação recíproca de interferências: dos artistas na cidade, da cidade nos artistas (BARBOSA JR, 2019).

Esta é, em alguma medida, a cidade sensível, a cidade que acontece na rua, que possui uma poética (SANSOT, 1973) e que podemos senti-la a partir da visão de quem nela intervém visualmente. Aí o espaço do sonhar encontra os espaços da cidade em uma mistura complexa de sentimento de revolta e de esperança, de vontade e de frustração cotidianamente vividos. Esse encontro de espaços parece constituir uma potência imagética de transformação da cidade, pois é modificada efetivamente. O artista em sua trajetória vai encontrar cada vez mais a equação possível entre os campos abertos da criação e das pressões das instituições e do controle social. A intercessão do sonho e da cidade, da criatividade e das pressões sociais, podem ser difíceis em muitos lugares, mas não são menos difíceis em Natal: lida-se com preconceitos contra origem de lugar/bairro/estado/região, racismos, misoginia, indiferença do poder público às questões como transporte e lazer, por exemplo.

As “*personas*”, representações pictoriais de indivíduos, pintadas em muros e equipamentos urbanos, povoam a paisagem urbana com seres que “são” e que “poderiam ser”; de cabeças e olhos que acionam arquétipos poderosos à recepção imagética; de palavras breves que oferecem ao receptor inúmeras coisas a se pensar (RANCIÈRE, 2005), capazes que são de “suscitar ideias” (SAMAIN, 2012). Efêmeras ou duradouras essas imagens passaram a compor a paisagem visual urbana, afirmaram sua presença em pouquíssimo tempo no quadro geral da história da cidade resistindo à sua aniquilação, ocupando espaços diversos, tornando-os espaços dos sonhos. Esse espaço é aquele no qual o sonho, assim como o ritual e o mito, pode vir a animar todas as formas, inclusive as formas materiais e espaciais (GLOWCZEWSKI, 2015).

Diante da instabilidade das políticas culturais, das instituições de cultura e da escassez de fomento à arte; diante da ausência de bibliotecas públicas e das poucas galerias de arte; diante de processos sociais de afirmação e negação de identidades, de marginalização de grupos, indivíduos e lugares, essas intervenções vêm conectar o espaço ao sonho como esperança possível de uma outra cidade.

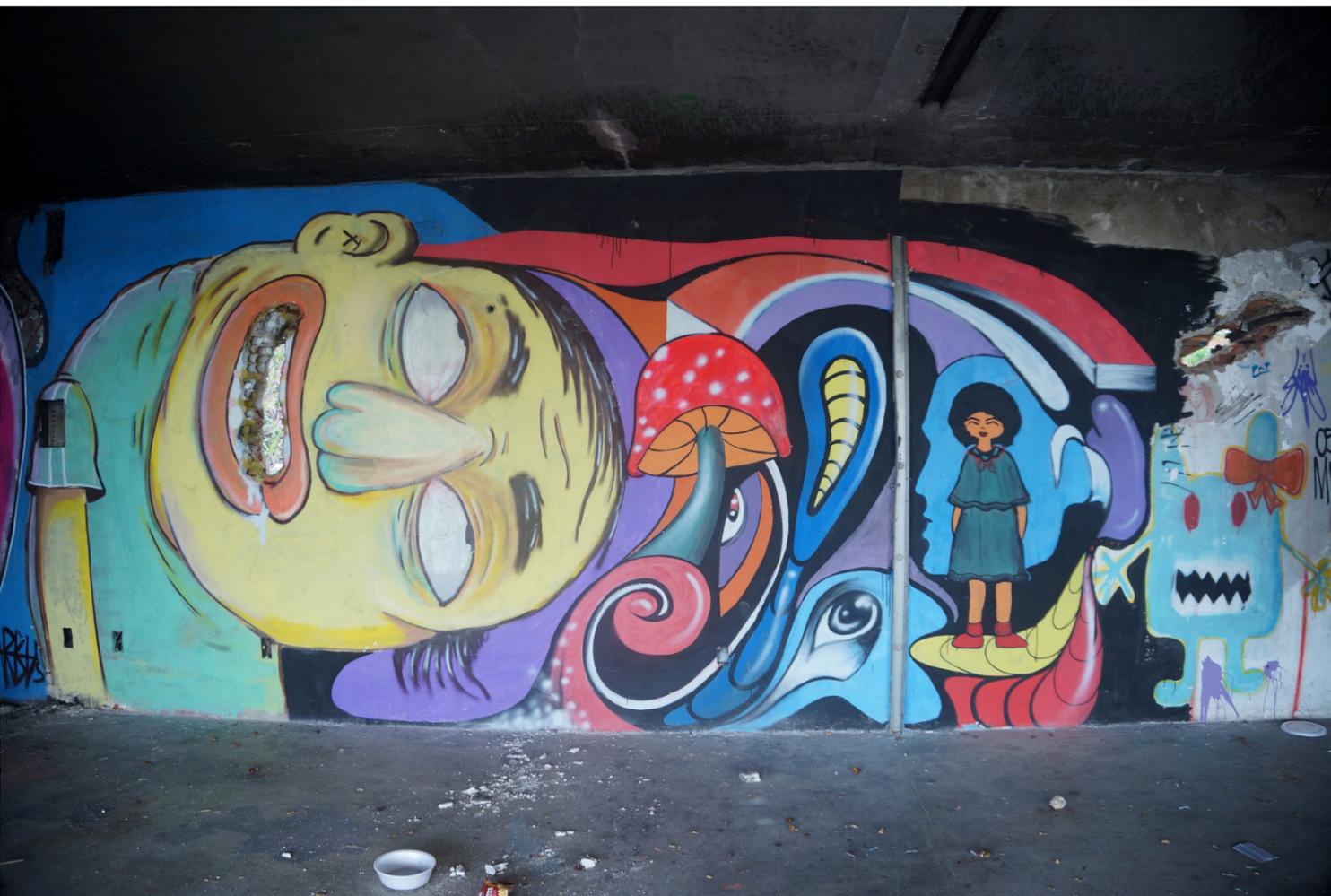




03



04







01

No novo “centro”, em umas das principais avenidas da cidade, uma cabeça desenhada apenas com linhas traz um perfil, persona que anima o concreto, desafia a “ordem” e impõe atos reflexivos aos receptores. (Raom Hai na Avenida Bernardo Vieira, bairro de Lagoa Nova, 2015).

02

No velho “centro”, em umas das principais avenidas da cidade, uma parede saturada, carregada de impressões, expressões e exercícios de arte. Cabeças, coração, flor invocam aspectos do humano e da natureza. A cabeça, motivo recorrente na arte de rua, invoca o exercício do pensamento e da razão: a juventude que intervém na cidade anseia por entendê-la e modificá-la. Não há mudança na cidade se não se muda a mentalidade na direção de relações mais afetivas e cordiais (do coração) que deveriam perpassá-la. As flores que insistem em nascer nas rachaduras de velhas calçadas lembram que podemos insistir, resistir e reexistir. (Vários autores e PazCiência no bairro do Tirol, julho de 2016).

03

Na velha “Ribeira”, em uma viela, uma parede saturada com sobreposições, técnicas e autores diferentes, aciona grafismos que costumam um retalho do tecido urbano com frases e imagens. A poética é explícita e os sonhos de uma nova ordem social são explicitados. Leiamos um trecho como se afirmássemos em primeira pessoa e adaptando experimentalmente: se houver oceanos de amor, serei como peixe / vendo poesia gratuita nesses pixos, e transbordo de amor. Outros temas compõem esse espaço onírico: a revolta com a hipocrisia; a presença feminina na rua; a insanidade. (Autoras e autores desconhecidos, bairro da Ribeira, setembro de 2016).

04

Na velha “Cidade Alta”, em uma rua que desce e os veículos sobem (mão), um “sujeito” segue. Conflui monocromático, antropomórfico. O detalhe fotográfico captura a persona, alegoria fantasmagórica em uma cidade de memórias evanescentes. O aglomerado gráfico traz assinaturas/tags, uma espécie de grapixo sobre a persona e ainda uma frase misteriosa. Com caracteres que demonstram pouco manejo na escrita da parede e de difícil compreensão, lemos: “Bal ligião todos vivem eternamente”. Seria essa interação/atropelo uma contrarresposta desafetuosa ao ser impresso na parede? Seria uma referência a entidades do mundo religioso: “Baal”, “legião”, eternidade? Em outra direção o sujeito nos diz mais, ou melhor nos coloca uma questão: para onde caminhamos? (Raom Hai, bairro da Cidade Alta, maio de 2016).

05

Na praia da Ponta Negra, no bairro de mesmo nome, a arte tem um lugar. Espaço de sociabilidade que cruza o trajeto de turistas, surfistas e artistas, vê-se emergir um “graffiti praieiro”. Nessa arte estamos diante de um trabalho compartilhado entre artistas: um cuja marca é um olho entre emaranhados e o outro uma persona amarela. Estabelecendo uma interação estética com o muro e com a praia os artistas apresentam uma persona deitada, sonolenta ou estupefata, de mãos cerradas. A interação entre artes pode levar o receptor a variadas interpretações. Nos permitamos uma: olho e emaranhados são o conteúdo de uma cabeça aberta, o sono ou a estupefação parecem permitir essa abertura. Estamos diante do sonho e da criatividade. (Pok e Arbus na praia de Ponta Negra, 2017).

06

No bairro da Candelária, “novo centro”, há um pedaço da cidade onde se implantou estrutura arquitetônica de Oscar Niemeyer, o “Presépio da cidade do Natal”. Ali de fato os anos viram emergir “Barcelona” (referência à cidade espanhola, umas cidades onde mais se anda de skate) nome dado ao espaço de lazer e sociabilidade que a juventude instituiu. Ali muita gente se encontra para o andar skate, de patins, de bicicleta, como também eventualmente para o exercício gráfico e plástico. Um verdadeiro tecido estampado, ou mesmo uma sobreposição de tecidos se encontra aí. Os trabalhos de Arbus e Binho, inseridos em um dos nichos da estrutura apontam alguns caminhos interpretativos, nos permitamos um. A persona amarela está em relação simbiótica com o lugar ao ponto de curvar-se ante o teto: o “em cima” é o lado e, ao lado, temos a floresta de símbolos do trabalho de Binho. Em Binho também escolhemos um caminho interpretativo: uma persona perspectiva uma visão colorida e complexa; são olhos, formas e mesmo um cogumelo que trazem ao espaço concreto da cidade e da parede as dimensões do sonho e da psicodelia. O fracasso arquitetônico é remediado com a ação artística que transforma o lugar num espaço do sonhar. (Arbus e Binho Duarte em “Barcelona”, no bairro da Candelária, 2016).

duartejr07

No bairro da Lagoa Nova, na região do seu estádio, em uma das vias mais caóticas da cidade, figura um olho inserido numa reforçada porta de madeira. A porta está encravada num muro externo muito concorrido pelos anúncios em cartazes. O artista já explicou algumas vezes o significado do olho: “na cidade estamos todos sendo observados”. O olho, o graffiti do olho, não é só uma alegoria, os objetos nos olham pois estão diante de nós, assim como estamos diante deles. Cravar um olho no objeto fazer o símbolo emergir para estabelecer a comunicação. O olho também é metáfora e contradição: ali ele também pode estar indicando o não visto, o que não se vê, o que foge à percepção. A arte de rua convida a ver (Pok, no bairro da Lagoa Nova, 2018).

duartejr08

08

Em um dos antigos e vivos centros da cidade, no bairro do Alecrim, a arte de PazCiência compõe a cena ordinária do lugar. O seu graffiti é uma forma de arabesco vermelho alaranjado com motivo foliar. O artista evoca “Natown” (escrita ressignificada de “Natal” e “Town” [do inglês “cidade”]); Parnamirim (município da região metropolitana); “ZN” (Zona Norte); e o Alecrim onde a arte está inserida. Ele indica que esses lugares estão na atividade, ou seja, que está/estão pintando a cidade e transitando por ela. Essa territorialização reflete, por um lado, os caminhos percorridos pelos artistas e, por outro, as marcas da e na cidade, indicativas de processos em curso. Nesse último caso a arte revela uma potência investigativa: há processos de mudança nesse bairro como envelhecimento da sua população, o abandono de alguns prédios, o fechamento de alguns comércios, a abertura de outros. Mais uma vez um convite a olhar e a caminhar. (PazCiência, no bairro do Alecrim, 2018).

09

Na cidade Alta um ser misterioso passeia. Antropozoomórfico, como o feiticeiro da gruta de Gabillou, emerge em preto sobrepondo-se a pintura evanescente de propaganda de empréstimo. Como um gato ou um cachorro o ser anda, podemos perceber movimento nas pernas insinuadas. O ser espregueira porque o antigo bairro após o horário comercial se esvazia, apenas alguns pequenos núcleos convidam ao lazer e à festa. Como afirmou o artista, para ele esse bairro, junto a dois outros na mesma região, são como um “Éden” para pintar. Esses bairros, de alguma forma, são “tolerantes” à arte de rua, manchas de lazer, arte e boêmia que são. Talvez não seja a intenção do artista, mas o antropozoomorfismo que sua figura denota parece indicar que na cidade, como na selva, os humanos podem tornar-se “animais” e que os animais podem tornar-se humanos. A arte convida a olhar também para “dentro”, para si mesmo. (Raom, no bairro da Cidade Alta, 2016).

10

No Beco da Quarentena, viela cheia de história, no bairro da Ribeira, vemos escombros. A história da cidade vai e volta nesse bairro: a região alagadiça, o comércio, a vida social dos novecentos e a Segunda Guerra. Camadas menemônicas se sobrepõem em prédios que persistem e outros que tombam. A cidade se desloca deixando ali traços de tempos, de costumes, de pessoas, de sonhos. Em que velocidade corre hoje a cidade? Que marcas deixa para o futuro? Nesse fragmento imagético ondulamos no tempo e rompemos limites escrevendo juntos aos artistas a situação da Ribeira, sobreposição histórica de velhos e novos tijolos. Ali o abandono e o esquecimento decantaram e foram achados pela escrita criativa. Na ausência do muro os flanêurs do velho bairro escrevem sobre os escombros. Sempre tivemos escrito sobre os escombros da história? (Desconhecido/a e tag do Pok, no bairro da Ribeira, 2018).

Referências

- BARBOSA JR, José Duarte. Trajetórias, grafias e arte de rua na cidade do Natal/RN — Brasil. UFRN/PPGAS, 2019. [Tese]
- BRASIL. IBGE. Censo Demográfico. IBGE, 2010.
- CORADINI, L. As interferências urbanas na cidade do Natal: um ensaio sobre linhas, cores e atitudes. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, 47, 2016.
- CORADINI, L.; BARBOSA JÚNIOR, J. D. A cidade e suas imagens. Natal/RN: EDUFRN, 2014.
- DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papirus, 1993.
- NATAL. SEMURB. Conheça melhor Nataç e Região Metropolitana. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Natal/RN. 2018.
- RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.
- ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 2013.
- SAMAIN, E. Como pensam as imagens. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2012.
- SANSOT, Pierre. Poétique de la ville. Paris: Editions Klincksieck, 1973.
- TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Da cidade de Deus à cidade dos homens: a secularização do uso da forma e da função urbana. Natal/RN: EDYFRN, 2009.